

Bach de graça no Centro

Cia Bachiana Brasileira celebra a obra do gênio alemão, morto há 275 anos

Por Affonso Nunes

A música de Johann Sebastian Bach (1685-1750) é destaque na programação das Sextas Instrumentais do Espaço Cultural BNDES. Sob a regência do maestro Ricardo Rocha, a Cia. Bachiana Brasileira celebra o repertório do gênio alemão neste ano em que sua morte completa 275 anos num programa que reúne algumas de suas criações mais emblemáticas.

Nascido em Eisenach numa dinastia musical que se estendeu por mais de dois séculos, Bach revolucionou a música ocidental ao

desenvolver o sistema tonal e elevar a polifonia a níveis de complexidade e beleza inéditos. Suas mais de mil composições, que incluem cantatas sacras, concertos, fugas e suítes, estabeleceram os fundamentos da harmonia moderna e influenciaram gerações de compositores, de Mozart a Villa-Lobos. O brasileiro, aliás, foi profundamente marcado pela obra bachiana, como demonstram suas nove Bachianas Brasileiras.

O repertório da noite contempla o “Concerto para dois violinos BWV 1043”, obra que exemplifica a genialidade bachiana na construção de diálogos instrumentais, e a “Suite em si menor BWV 1067”, uma das quatro suítes orquestrais que revelam a influência da música francesa na obra do mestre alemão. O programa se completa com a “Holberg Suite” de Edvard Grieg, composição que dialoga com o estilo barroco numa perspectiva romântica.



O maestro Ricardo Rocha rege a Cia. Bachiana Brasileira, ensemble de referência na execução das obras compositor alemão desde 2009

Como destaca o maestro Ricardo Rocha, veterano de 40 anos de carreira, o concerto representa “um gesto não de memorial à sua ausência, mas de uma singela celebração de sua presença entre nós”. A performance contará com os solistas Gabriela Queiroz e Priscila Rato (violinos), Alexis Angulo (flauta), Emília Valova (violoncelo)

e Eduardo Antonello (cravo), instrumentistas que integram o corpo artístico da Sociedade Musical Bachiana Brasileira.

Premiada pelo Estado do Rio em 2009, a Cia. Bachiana Brasileira mantém há décadas o compromisso de difundir o repertório de música de concerto, consolidando-se como uma das principais in-

térpretes da obra bachiana no país.

SERVIÇO

CIA BACHIANA BRASILEIRA

Espaço Cultural BNDES (Av. República do Chile, 100 – Centro). | 12/9, às 19h
Entrada franca, com distribuição de senhas meia hora antes da apresentação

CRÍTICA / DISCO / CARNAVAL: THE SONGS WERE SO BEAUTIFUL

Por Aquiles Rique Reis*

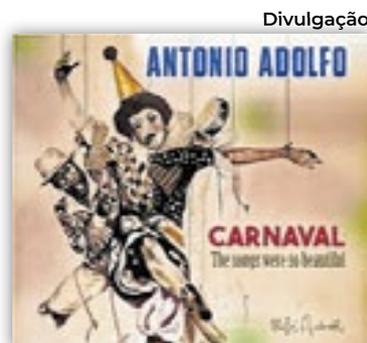
Carnaval para sempre

Hoje vamos de Carnaval: The Songs Were So Beautiful (AAM), álbum do pianista, arranjador e compositor Antonio Adolfo. Nesse trabalho, ele nos traz uma seleção de gêneros musicais que, cada um à sua maneira, se prestam a animar os carnavais.

Ao longo dos séculos, a veia carnavalesca dos brasileiros elegeu como sucessos do reinado de Momo algumas músicas “feitas para o meio de ano”, que era como se costumava chamar as músicas que, a princípio, não tinham nada a ver com o carnaval. Assim, muitas vezes, autores de músicas não carnavalescas, de canções, a princípio, não pensadas para as festas, tiveram o contentamento de ouvir suas composições animando a folia nos salões e nas ruas.

Pelas mãos de Antonio Adolfo, um instrumentista ligado a MPB e ao jazz, rolou a escolha de uma seleção primorosa e tão eclética quanto a diversidade da própria música popular brasileira criada ao longo do ano todo. Antonio usou com extrema sabedoria a sua visão sem preconceito do que seria, ou não, uma música carnavalesca de raiz. No álbum, marchinhas misturam-se a sambas, desde os mais animados, como o “Oba, O Bafo da Onça”, sucesso de Oswaldo Nunes, de 1962, até os mais dolentes, como “Agora É Cinza”, de Bide e Marçal.

O que dizer da escolha de AA por “Mal-me-quer”, marcha-rancho de Newton Teixeira e Cris-



Divulgação

tóvão Alencar? E da antológica “As Pastorinhas”, de Braguinha e Noel Rosa, quando ajuntadas ao frevo “Vassourinhas”, de Matias da Rocha e Joana Ramos, e ao samba “Exaltação à Mangueira”, de Eneas Brittes da Silva e Aloisio Augusto da Costa? Meu Deus!

E de “É Com Esse Que Eu Vou”, sucesso de Pedro Caetano,

de 1948, ao lado de “Vai Passar” – o grito de esperança lançado em 1984 por Francis Hime e Chico Buarque, exorcizando uma “página infeliz da nossa história”? Ou de “A Lua É dos Namorados”, de Klecius Caldas, Armando Cavalcanti e Brasinha, encorpando um trabalho simples, mas fundamental em sua conceituação harmônica e seus arranjos, marcas registradas de um AA cada vez mais elaborado?

Antonio tem a capacidade de unir em torno de si o que há de melhor na cena instrumental. Assim, além de seu piano enxuto, saca as feras que estão com ele: Lula Galvão (guitarra), Jorge Helder (baixo acústico), Rafael

Barata (bateria e percussão), Jessé Sadoc (trompete e flugelhorn), Idriss Boudria (sax alto), Marcelo Martins (sax tenor e flauta), Rafael Rocha (trombone) e André Siqueira (percussão). É mole?

Pois foi com essa rapaziada que nasceu o fascinante Carnaval: The Songs Were So Beautiful. A fuzarca se encaixou com o jazz brasileiro e foi para a avenida remagnetizar o espírito do povo brasileiro. Há que ouvi-lo, e aplaudi-lo! Ouça o álbum em <https://11nk.dev/swlqh>.

Ficha técnica

Gravação: Leo Alcantara; mixagem: Marcelo Saboia; masterização: André Dias. A partir de um desenho do saudoso Elifas Andreato (1946-2022), seu filho Bento Andreato criou a bela capa.
*Vocalista do MPB4 e escritor